

Ensino de Projeto de Arquitetura num Planeta de Favelas: uma proposta metodológica de construção social da paisagem

*Teaching of Architecture Project in a Planet of Slums: a methodological proposal of
social construction of the landscape*

*Enseñanza de Proyecto de Arquitectura en un Planeta de Favelas: una
propuesta metodológica de construcción social del paisaje*

SOARES, Bernardo Nascimento

Doutorando em Urbanismo, Professor Substituto DPA/FAU/UFRJ, bsouares.urb@gmail.com

MELLO, Luiz Gustavo Costa

Estudante de Graduação, FAU/UFRJ, luizgfau@gmail.com

RESUMO

Este trabalho é uma revisão sobre o método aplicado ao exercício de projeto de arquitetura na disciplina Projeto Arquitetônico IV, tratando-se de um apanhado sobre a proposta metodológica com objeto do projeto arquitetônico para "edifício programaticamente complexo em cenários conflituosos. Compreendendo a cidade como um lugar de conflitos, tendo em uma de suas expressões a marca da favelização, o projeto se coloca como uma ferramenta de reflexão e experimentação de uma alternativa para a construção social da cidade e da paisagem. Esta experiência traz a possibilidade de aplicação, através dos estudos, de um caso real e pertinente para a criação de espaços de esperança para a justiça sócio espacial. E como uma motivação para os docentes e os estudantes que se engajam sobre papel social da Arquitetura e do Urbanismo.

PALAVRAS-CHAVES Ensino de Projeto, Projeto de Arquitetura, Favela.

ABSTRACT

This work is a review on the method applied to the exercise of architectural project in the discipline Architectural Project IV, being a survey about the methodological proposal with the object of the architectural project for "building programmatically complex in conflicting scenarios. Understanding the city as a place of conflict, having in one of its expressions the brand of favelization, the project stands as a tool for reflection and experimentation of an alternative for the social construction of the city and the landscape. This experience brings the possibility of applying, through studies, a real and pertinent case for the creation of spaces of hope for social and spatial justice. And as a motivation for teachers and students who engage in the social role of Architecture and Urbanism.

KEY WORDS Project Teaching, Architecture Project, Favela.

RESUMEN

Este trabajo es una revisión sobre el método aplicado al ejercicio de proyecto de arquitectura en la disciplina Proyecto Arquitectónico IV, tratándose de un recopilado sobre la propuesta metodológica con objeto del proyecto arquitectónico para "edificio mediante programa complejo en escenarios conflictivos. Comprendiendo la ciudad como un lugar de conflictos, teniendo en una de sus expresiones la marca de la favelización, el proyecto se coloca como una herramienta de reflexión y experimentación de una alternativa para la

construcción social de la ciudad y del paisaje. Esta experiencia trae la posibilidad de aplicación, a través de los estudios, de un caso real y pertinente para la creación de espacios de esperanza para la justicia socio espacial. Y como una motivación para los docentes y los estudiantes que se dedican al papel social de la Arquitectura y del Urbanismo.

PALABRAS CLAVE: Enseñanza de Proyecto, Proyecto de Arquitectura, Favela.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma revisão sobre o método aplicado ao exercício de projeto de arquitetura na disciplina Projeto Arquitetônico IV (PA IV), do Departamento de Projeto de Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (DPA/FAU/UFRJ), nos semestres 2018.1 e 2018.2. Trata-se de um apanhado sobre a proposta metodológica dispostas às respectivas turmas, tendo como objeto o projeto arquitetônico para “edifício programaticamente complexo, capaz de abrigar usos contraditórios em áreas urbanas caracterizadas por forte tensão de centralidade e cenários conflituosos”. A “complexidade programática” se configura pela proposta de um edifício *multiprogramático*, no entanto enfatizando o uso de comércio e serviços e pela a interferência sobre os fluxos que as formas de apropriação que este caráter poderia propiciar. E a proposta metodológica partiu de uma reflexão sobre o papel social do arquiteto e urbanista e sobre como incorporá-lo ao objeto de estudo da disciplina, de modo que o território e a construção pudessem corresponder a tais expectativas.

Assim, a metodologia partiu da compreensão do espaço urbano como um objeto complexo, reflexo e condicionante social (CORRÊA, 1993) e como produto de uma urbanização marcada pela exclusão, pela desigualdade e pela ilegalidade (MARICATO, 1996), em que a cidade se torna um teatro de conflitos (SANTOS, 2009). E da reflexão sobre como as práticas projetuais têm se concentrado sobre grupos sociais privilegiados na construção dos edifícios e das cidades, ao passo que tem respondido de forma limitada aos conflitos e disputas recorrentes na produção social do espaço.

Em contraposição, buscou-se incorporar à metodologia a problematização do conflito, bem como a criação de alternativas, através do projeto associado ao planejamento e à formulação de políticas públicas a fim de atender a necessidades e demandas de grupos sociais não privilegiados – questões ora singularizadas por meio de um determinado contexto. Este, por sua vez, foi delimitado pelo fenômeno da produção da informalidade e da favelização, como produto e processo da urbanização desigual e excludente no Brasil. E pelo enfoque sobre a população local e suas condições de reprodução social.



Sendo assim, a proposta buscou um contexto representado por terreno diante de uma favela em área metropolitana. O terreno proporcionado às turmas se localiza no bairro Vasco da Gama, área central da cidade do Rio de Janeiro – RJ.

A partir da definição do terreno, o método seguiu o desencadear de um processo de projeto desta dimensão: interpretações sobre o contexto; análise urbana e paisagística, bem como das preexistências e das dinâmicas socioespaciais; a construção propositiva do programa do edifício, considerando-se os usos em relação ao lugar; resolução dos problemas de inserção urbana e regional e de implantação; resolução das relações de fluxo, acesso e circulação, bem como relações público/privado; resolução técnica e construtiva (esquema estrutural, processos construtivos e materiais); e expressão e representação gráfica das propostas (croquis, diagramas, perspectivas, desenhos técnicos, diagramação de prancha etc.).

Para fins deste artigo, buscou-se realizar uma análise projetual das propostas elaboradas pelos estudantes da turma. Esta análise, visa a contribuir para com reflexões sobre os modos de produção em Arquitetura e Urbanismo no ensino e o privilégio na construção das cidades através do processo de projeto. Estas reflexões, por sua vez, podem então orientar não apenas ao reconhecimento de conflitos como também para alternativas sobre a prática de intervenção projetual e, sobretudo, os métodos de ensino em Arquitetura e Urbanismo.

Com enfoque sobre a construção social da paisagem, análise projetual é composta por três categorias: Programática; Territorialidade e Estratégia Projetual; e Espacialidade e Materialidade, compondo a estrutura deste artigo. A primeira corresponde a reflexão e proposta, pelos trabalhos, acerca das dimensões socioeconômicas e socioculturais da população local, especialmente os moradores da favela, traduzindo-se em propostas de usos e atividades incorporadas e proporcionadas pelo projeto. A segunda corresponde às interpretações sobre o contexto em sua dimensão fisicoterritorial, a inserção regional, urbana e paisagística do terreno e do projeto, as estratégias de implantação e partido arquitetônico e as relações de fluxo e permanência em caráter público e/ou privado. E a terceira corresponde às diretrizes de relação material entre o espaço e a forma, as composições estruturais e as técnicas construtivas, a qualidade dos espaços externos e internos e os componentes arquitetônicos e materiais utilizados.

Da totalidade de propostas, a análise reconheceu as particularidades de cada projeto e buscou ressaltar os aspectos distintivos de acordo com as categorias propostas. Com o decorrer da mesma,

se pretende compartilhar a experiência de uma reflexão crítica sobre a condição de privilégios e conflitos na produção das cidades, bem como apontar para novas possibilidades a partir das práticas de ensino e exercício projetual com bases na justiça socioespacial.

2. PROGRAMÁTICA

Partindo de uma reflexão sobre um “planeta de favelas” (ARANTES, 2008) repensando novas alternativas programáticas para este contexto de informalidade, o curso teve como princípio a discussão sobre o contexto através de suas dimensões sócio econômicas e culturais. E sua fundamentação teórica acerca da questão da informalidade conferiu um direcionamento para a produção social do espaço urbano – compreendendo-o como, simultaneamente, produto e produtor de transformações da organização social, conforme Mark Gottdiener (2010). Isto é, a construção de um arcabouço para direcionar o estudo da reprodução social para a perspectiva sobre a produção do ambiente construído, a fim de criar novas possibilidades de mudança da estrutura urbana. Nesse sentido, obteve-se na condição do Trabalho – e sua respectiva qualidade de geração de renda – uma contribuição para a garantia ou melhor condição de direitos sociais e de uma série de bens e serviços urbanos, (SOARES, 2018, p. 4).

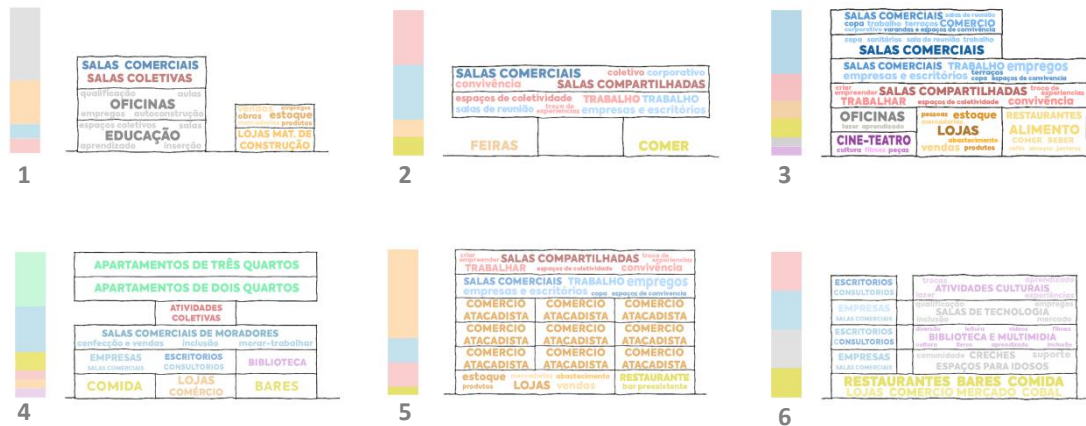
Com isto, a discussão urbanística direcionou-se para uma problematização da relação entre as estruturas físicas do edifício proposto – em correspondência à proposta programática e metodológica da disciplina – e os usos e formas de apropriação do espaço pré-existentes no lugar. Isto propõe uma direção peculiar, em contraposição ao “fanatismo dos arquitetos pela arquitetura” questionado por Rem Koolhaas:

Maybe architects’fanatism – a myopia that has led them to believe that architecture is not only the vehicle for all that is good, but also the explanation for all that is bad - is not merely a professional deformation but a response to the horror of architecture’s opposite, an instinctive recoil from the void, a fear of nothingness (KOOLHAAS et al., 1995, p. 199).

Embora Koolhaas esteja, com este argumento, se direcionado para a questão do sistema de vazios urbanos, suas palavras nos trazem possibilidades de reflexão para importância do ambiente construído para além do rigor da forma arquitetônica. No caso, esta reflexão induziu a exercícios de construção programática em coesão sócio econômica e cultural com o lugar enquanto contexto marcado pela favelização. Isto é, sem propor um programa fechado e determinado para todas as propostas, o curso demandou a reflexão e proposição por parte de cada estudante, de modo a ter percepção e consciência para com o contexto. Isto forneceu um processo enriquecedor de

interpretação e de aprendizado, cujos resultados são particularmente pertinentes. A figura a seguir representa a distribuição programática correspondendo a usos diferenciados e compartimentação dimensionalmente variada no plano vertical do edifício de seis das propostas realizadas pelos alunos:

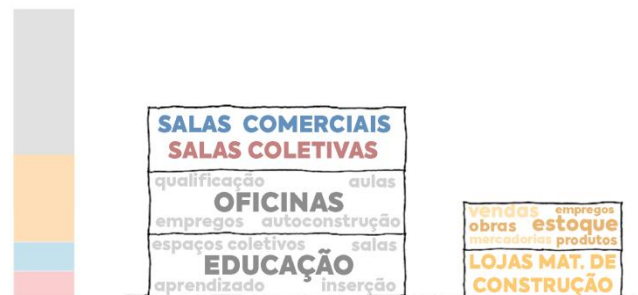
Figura 1: Diagramas de Propostas Programáticas.



Fonte: Elaboração dos autores.

A proposta “1” se preocupa, principalmente, com a inserção dos moradores da região no mercado de trabalho, em especial na área da construção, se importando também com o aprimoramento da autoconstrução, muito presente nas favelas brasileiras. Para isso, possui oficinas e espaços de aulas e educativos. Além disso, constitui espaços para lojas voltadas ao tema, como para materiais de construção, espaços amplos e que poderiam ser usados para tal. Por fim, também dispõe de salas e espaços que podem ser alugados, atraindo pessoas que passaram pelo processo educativo do edifício ou profissionais que trabalham na área.

Figura 2: Proposta Programática 1.



Fonte: Elaboração dos autores.

A proposta “2” tem como foco o desenvolvimento de um espaço térreo para apropriação e uso das pessoas. Organiza seu programa considerando esse pavimento para feiras, espaços de alimentação e outras atividades e usos. Opta por edificar acima desse vazio, com espaços destinados a salas comerciais e a salas coletivas e para trabalho coletivo. Valoriza, por esse meio, as atividades preexistentes e desenvolve, a partir dessa multiplicidade de programas e da mistura de espaços coletivos e individuais, um edifício dinâmico e de caráter transformador do espaço.

Figura 3: Proposta Programática 2.



Fonte: Elaboração dos autores.

A proposta “3” busca se afastar da concepção de um edifício comercial convencional, buscando a participação das pessoas e convidando-as a usufruir do mesmo. Em seus pavimentos mais baixos, conta com um cine-teatro, como um foco no papel cultural do projeto, oficinas para a área da educação, além de lojas e espaços voltados a alimentação. Nesse sentido, é possível que uma pessoa percorra o edifício de diversas maneiras diferentes, para diversos fins diferentes. Além disso, acima, salas comerciais individuais e de uso coletivo. Um programa que possibilita pessoas com diferentes intenções desfrutando do mesmo espaço.

Figura 4: Proposta Programática 3.



Fonte: Elaboração dos autores.

A proposta “4” tem como diferencial uma parte de seu programa destinado a habitação. Por meio dessa, pretende gerar movimento e fluxo no edifício, além de suprir uma carência que existe na oferta da mesma. Abaixo das habitações, trabalha com espaço para atividades coletivas e apropriação por parte da comunidade ou dos moradores. Os três primeiros pavimentos, mais próximos aos pedestres, se destinam mais ao comércio, lojas e salas comerciais, além de restaurantes e bares, promovendo, a partir da proximidade e das relações, um fluxo mais intenso e com uma variedade de usos por quem circula na região. Fora isso, conta com uma biblioteca, levando em consideração a existência de escolas por perto e do fluxo de ida e vinda de alunos pelo terreno.

Figura 5: Proposta Programática 4.



Fonte: Elaboração dos autores.

A proposta “5” foca seu programa no comércio atacadista, compreendendo-o como um fator relevante do qual as pessoas poderiam usufruir, também buscando a vivacidade do local e um aproveitamento ao máximo potencial de us. O pavimento térreo é voltado para lojas e restaurantes; os três seguintes para o comércio atacadista; e os dois superiores para salas comerciais, escritórios e salas coletivas. Se define por seu forte caráter comercial e por seu intenso fluxo de usuários.

Figura 6: Proposta Programática 5.



Fonte: Elaboração dos autores.

E a proposta “6” tem, em seu térreo, um programa destinado a alimentação, como restaurantes, bares, cafés e lojas voltadas para o tópico, inspirado nos usos que se têm em “mercadoes” e praças de alimentação. Em seus pavimentos superiores, se divide em dois volumes. Um deles é voltado a salas comerciais, escritórios e consultórios, configurando o também aspecto comercial do edifício. O outro, voltado a atividades educativas e culturais. Um programa voltado a dar suporte a comunidade e que, por meio de seus usos e atividades, busca suprir as diversas necessidades e carências da região.

Figura 7: Proposta Programática 6.



Fonte: Elaboração dos autores.

Com um ensino que incentiva a discussão do programa, com liberdade para interpretações diversas, os projetos levam em consideração o contexto de informalidade e incorporam a favela e suas atividades. No âmbito da elaboração do programa, o projeto é compreendido como produto, quando as atividades e o entorno definem escolhas a serem tomadas - a exemplo de espaços voltados para a construção e educação, funções de suporte para dias de partidas de futebol - mas também, ao mesmo tempo, como produtor do espaço, gerador de trabalho e renda, por todas as novas dinâmicas propostas. Dá espaço e impulsiona a inclusão e a reprodução social.

3. TERRITORIALIDADE E ESTRATÉGIA PROJETUAL

A percepção territorial sobre o contexto se define por uma “urbanização que se expande como verdadeira ‘desurbanização’, sobre territórios delapidados por populações empobrecidas” (ARANTES, 2008, p. 4), em que a informalidade assume o papel do “lugar comum” das cidades contemporâneas, em especial nos países em desenvolvimento – marcadas por conflitos. Isto conduz a uma compreensão do terreno proposto para o exercício projetual cuja inserção urbana e paisagística se

ARQUITETURA E CIDADE: PRIVILÉGIOS, CONFLITOS E POSSIBILIDADES

Curitiba, de 22 a 25 de outubro de 2019



caracteriza por cenários multifacetados e conflituosos. E delimita uma interpretação sobre as pré-existências que influenciam sobre o processo projetual, de modo a formular premissas para alternativas quanto à relação entre o edifício e a paisagem, os espaços públicos e os lugares de encontro e interlocução enquanto uma forma de produção social do espaço.

Enquanto exercício inicial, a discussão programática orientou a uma outra reflexão, também encontrando ressonância nas formulações teóricas e conceituais de Rem Koolhaas: os vazios urbanos e seu caráter de liberdade na metrópole:

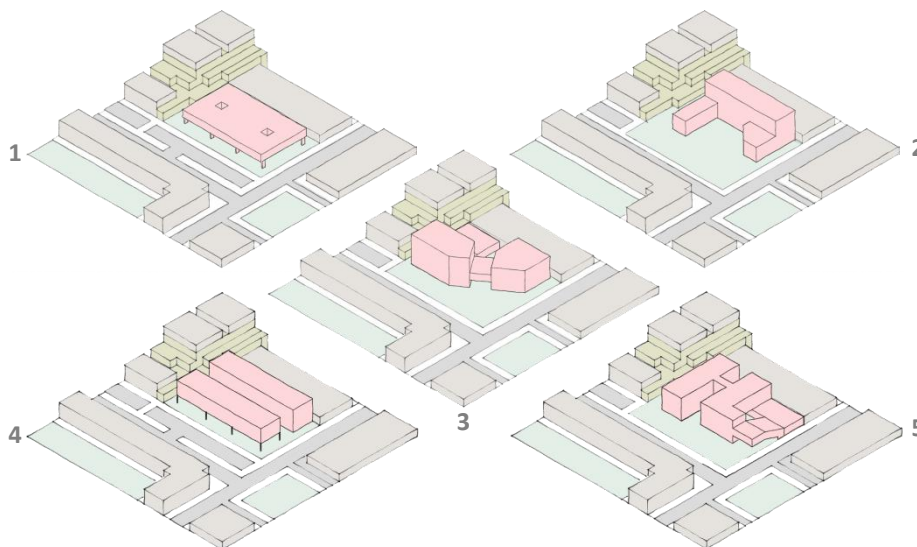
They all reveal that emptiness in the metropolis is not empty, that each void can be used for programs whose insertion into the existing texture is a procrustean effort leading to mutilation of both activity and texture (KOOLHAAS *et al.*, 1995, p. 202).

Esta percepção conduziu, por sua vez, a uma interpretação primordial do contexto em suas dimensões físico territoriais. Isto é, a percepção sobre o território no âmbito da favelização pressupõe o reconhecimento e a valorização dos espaços de uso coletivo versus a escassez de espaço – este que, no âmbito da informalidade, assume o caráter de um grande valor de troca. Na informalidade, se “não há mais lugar para a própria política” (ARANTES, 2008, p. 4), falta lugar para o vazio. O vazio significa, neste caso, um grande valor de uso – não apenas a direta e livre possibilidade de realizar as mais diversas atividades cotidianas como também a possibilidade da produção social do espaço.

Neste sentido, a percepção territorial do vazio enquanto formador de espaço de caráter social permeou, em alguma medida, as proposições dos alunos. A figura a seguir representa um conjunto de estratégias urbanísticas, paisagísticas e arquitetônicas que, associadas às respectivas propostas programáticas, buscam respostas ao contexto marcado pela relação adversidade/potencialidade territorial, de cinco das propostas realizadas pelos alunos:



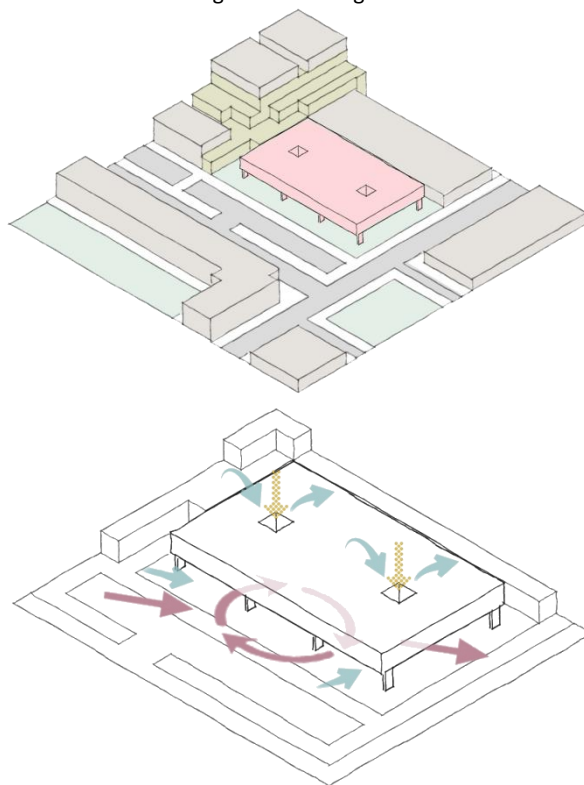
Figura 8: Estratégias projetuais.



Fonte: Elaboração dos autores.

A estratégia “1” parte da valorização dos espaços vazios, compreendendo que há uma precariedade quanto à oferta desses espaços no bairro. Se pensa, assim, em um projeto com sua grande massa edificada, elevada. Assim, valoriza a apropriação e o lazer no vazio que se cria abaixo dessa massa, possibilitando, também, uma qualidade quanto a ventilação das ruas, já que há uma permeabilidade abaixo do edificado. O projeto busca desenvolver espaços onde ocorreriam provocações diárias, isso é, em constante transformação. Ora a partir das feiras que ocorrem no local, ora pela simples apropriação dos moradores:

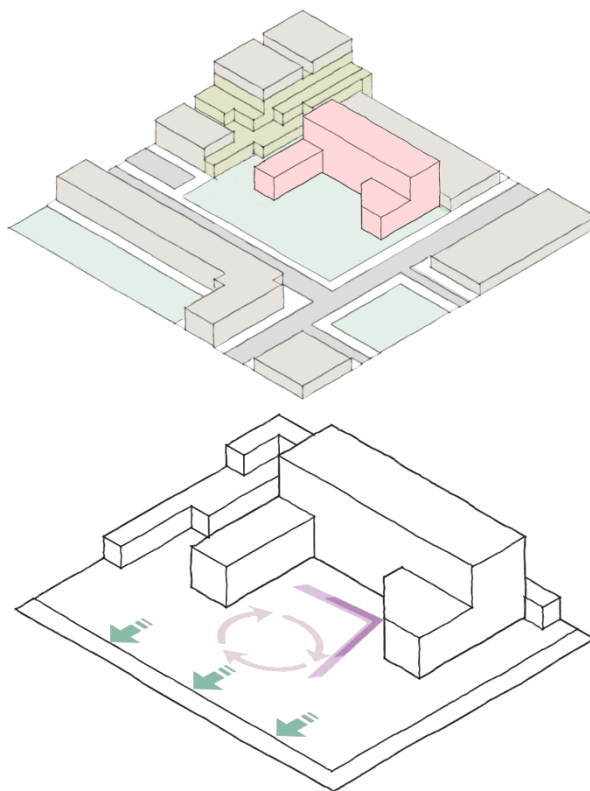
Figura 9: Estratégia 1.



Fonte: Elaboração dos autores.

A estratégia “2” opta por recuar o edifício em sua implantação, juntando-o ao que já está edificado ao redor e criando uma grande praça e espaço para apropriações. Parte de uma valorização do espaço público e das preexistências do território. Com um corte na diagonal em seu volume, se volta para o Estádio São Januário, sendo esse plano diagonal superfície para projeção de partidas do clube e para outras atividades culturais. O projeto busca ser, por meio desses artifícios, aberto à sociedade, circundando o espaço livre e suas atividades:

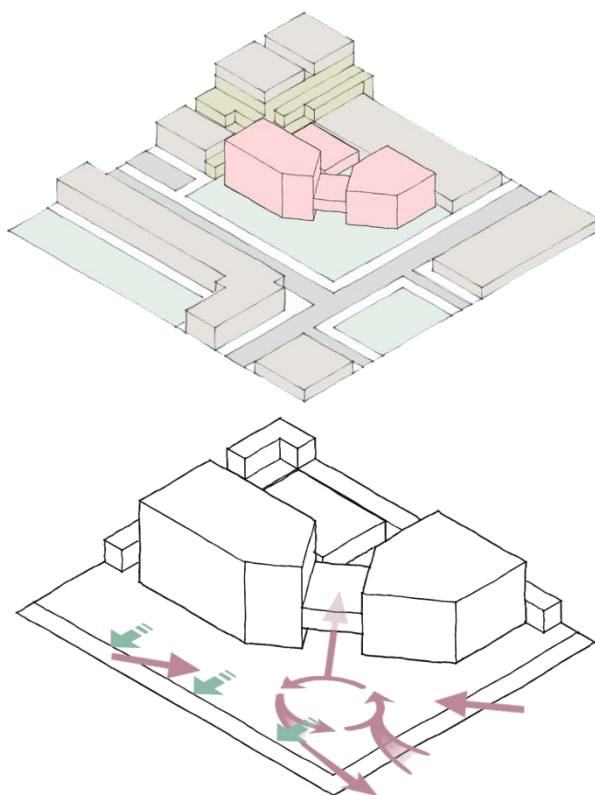
Figura 10: Estratégia 2.



Fonte: Elaboração dos autores.

A estratégia “3” compreende que o território estudado é composto por duas frequências: o dia a dia dos moradores e os eventos, que acontecem em dias e horários específicos na região. Se desenvolve com o objetivo de valorizar essas individualidades ao mesmo tempo em que visa corrigir falhas no tecido e amarrar determinadas potencialidades. Com um pátio interno, cria espaços para atividades, pensando na qualidade de vida dos usuários, enquanto que, com a valorização da esquina, cria uma conexão do espaço com a Praça Carmela Dutra, com o objetivo de amarrar os espaços:

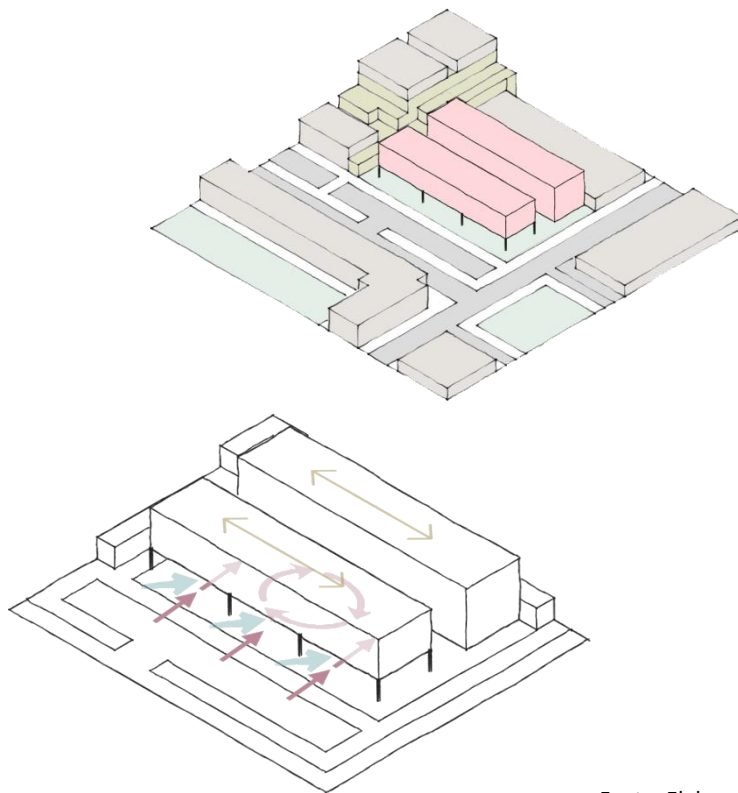
Figura 11: Estratégia 3.



Fonte: Elaboração dos autores.

A estratégia “4” parte de uma leitura do terreno e de um desejo de ressignificá-lo, compreendendo o projeto como uma série de “colagens” e levando em consideração a diversidade de usos, tipologias, tempos e pessoas. Parte-se de dois galpões, tipos abundantes na região, ressignificando-os. O volume da frente, mais próximo ao estádio e à circulação principal, é elevado de forma a buscar a participação do pedestre na consolidação desse espaço e possibilitar a apropriação por feiras e demais atividades, convidando a sociedade para participar de um “mercadão”, onde possam ser vendidos produtos locais. Possui bares, restaurantes, além de lojas e salas comerciais e, inclusive, unidades habitacionais:

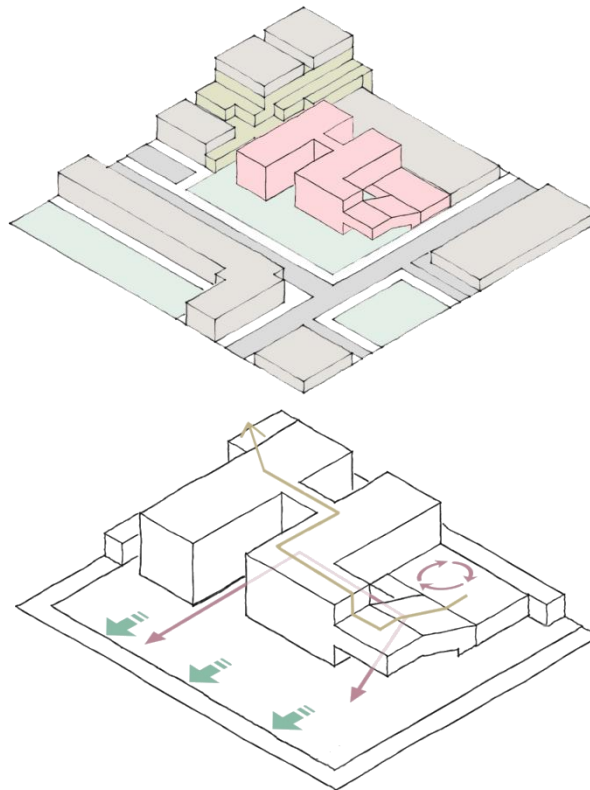
Figura 12: Estratégia 4.



Fonte: Elaboração dos autores.

A estratégia “5” é elaborada a partir do conceito de movimento. Seja movimento pedonal, seja o movimento pelo qual é caracterizada a topografia próxima ao terreno. O movimento do edifício não se dá só pela forma em si, mas também pela experiência das pessoas ao percorrê-lo causando a transformação constante do espaço, captando, também, o caráter compreendido como labiríntico das favelas brasileiras. Quanto a topografia, o projeto apresenta um volume que cresce ao ponto que se aproxima dela, se apropriando também desse aspecto do território:

Figura 13: Estratégia 5.



Fonte: Elaboração dos autores.

Compreendendo a potencialidade territorial diversa, marcada pela favela, o estádio, a informalidade e pelas diversas ausências que são presentes em um "território delapidado", o território é interpretado como um espaço de conflitos. Nesse sentido, os projetos elaborados valorizam os espaços já consolidados, em especial os de uso coletivo, e buscam amenizar problemas advindos da ausência do poder público e solucionar a falta de espaços que proporcionem a permanência e o encontro.

4. MATERIALIDADES

A continuidade da discussão sobre o contexto em suas diversas dimensões, bem como a conceituação de alternativas para a construção social da paisagem e do edifício nos conduziu a uma reflexão de ordem estética: em se tratando de territórios marcados pela informalidade e pelo conflito, como respeitar e preservar as pré-existências ao intervir diante das favelas? Como patrimonializar a identidade cultural e estética através da paisagem e da arquitetura sem reproduzir

padrões técnicos, construtivos e ambientais [críticos] nem impor uma ordem autoritária de estética formalista e, por vezes, enfadonha, da cidade dita formal?

Para Paola Berenstein Jacques, a discussão sobre o direito à urbanização – respondendo a questões de conflitos territoriais na construção das cidades – está além da ordem social e política, perpassando uma “dimensão cultural e estética”:

(...) as favelas já não fazem parte da cidade há mais de um século? (...). Porque não se assume de uma vez a estética das favelas sem as pequenas imposições estéticas, arquitetônicas e urbanísticas, dos atuais projetos de urbanização que acabam provocando a destruição da arquitetura e do tecido urbano original da favela para criar espaços impessoais (que muitas vezes não são apropriados pela população local, ficando rapidamente deteriorados e abandonados)? (JACQUES, 2001, p. 1).

Ao teorizar sobre o tecido urbano informal, Jacques parte desde a cultura e a arte populares, de modo a rebater seus valores para a arquitetura, a paisagem e o urbanismo, dissecando a “estética das favelas” em três figuras conceituais – *fragmento*, *labirinto* e *rizoma*. Sendo assim, a abordagem do curso estimulou a percepção da identidade espacial própria das favelas, inspirando-se pela ideia de “movimento” conforme propõe a autora. O reconhecimento do *espaço-movimento*, bem como de seus sujeitos sociais, moradores-construtores do espaço, no tempo, ensejou a representação do movimento e dos modos de construir o espaço através da proposta de projeto.

Isto se refletiu não apenas própria constituição do espaço em suas relações paisagem/edifício e público/privado como também em questões compositivas e estruturais da forma arquitetônica e paisagística enquanto materialização dos valores estéticos identitários. Dentre os critérios, estiveram: espacialidades enquanto extensões de vazios e para fins de apropriação diversos; releitura formal de volumes, planos e superfícies presentes na estética das favelas; releitura espacial das “lajes” em sua dupla dimensão funcional/estética; técnicas construtivas de fácil apropriação e aplicação; emprego de materiais (relação textura/cor) identitários; e incorporação do *movimento* enquanto com componente projetual – pensando as formação e as transformações do edifício e da paisagem, no tempo e pelo sujeito social enquanto participante da construção.

A figura final, a seguir, representa uma sequência de imagens das propostas dos alunos:

ARQUITETURA E CIDADE: PRIVILÉGIOS, CONFLITOS E
POSSIBILIDADES

Curitiba, de 22 a 25 de outubro de 2019



Figura 14: Propostas projetuais.



PROJETAR
GRUPO DE PESQUISA EM
PROJETO DE ARQUITETURA
E PERCEÇÃO DO
AMBIENTE





Fonte: Elaboração dos autores.

As propostas materializam os princípios discutidos ao longo da disciplina. Os edifícios elaborados refletem, em geral, um caráter de valorização da indústria da construção e da autoconstrução, dos vazios, com espaços "inacabados" e oportunidades para gestão, participação e construção pelos próprios usuários. A constituição do espaço leva em consideração os materiais da favela, as preexistências na mesma, além de seu caráter dinâmico e fragmentado. A materialidade está, necessariamente, atrelada às soluções programáticas e à leitura de território realizada pelos alunos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo traz o relato de uma experiência de proposta metodológica sobre o ensino e a aprendizagem em Arquitetura e Urbanismo através da disciplina de Projeto de Arquitetura, em que se busca uma reflexão sobre o papel social do arquiteto e urbanista diante de uma cidade cuja construção é marcada por conflitos. E a partir da qual o exercício do projeto se coloca como uma ferramenta de engajamento e enfrentamento para uma construção social das relações entre a paisagem e o edifício no contexto de um "planeta de favelas".

No primeiro momento, realiza uma fundamentação teórica e conceitual em que a cidade se apresenta como um lugar de conflitos e produto de um processo de urbanização marcada pela exclusão, pela desigualdade e pela ilegalidade, em que a produção da informalidade se cristaliza pela



ARQUITETURA E CIDADE: PRIVILÉGIOS, CONFLITOS E POSSIBILIDADES

Curitiba, de 22 a 25 de outubro de 2019



favelização. Diante deste quadro, o arquiteto e urbanista assume papel social crucial sobre o pensamento e as práticas de intervenção sobre o ambiente construído – para o qual sua formação deve provocar reflexões e experimentar alternativas de atuação através do exercício projetual. Sendo assim, a proposta metodológica trata da problematização de um contexto marcado pela favelização e da criação e provisão de novos espaços que contribua para a melhoria da qualidade de vida e como um fator de justiça socioespacial, através do projeto de um equipamento social e de espaços comunitários como uma forma de inclusão.

Em seguida, descreve a aplicação da proposta metodológica, constituída de três componentes: programática; territorialidade; e materialidade. Em programática, compreende-se o contexto em suas dimensões sócio econômicas e culturais e se propõe um arcabouço teórico e conceitual para o estudo da reprodução social através da perspectiva sobre o ambiente construído; a transformação da estrutura urbana é pensada e experimentada através de uma diversidade de propostas livres e pertinentes de programas compostos por atividades para a geração de trabalho e renda da população local. Em territorialidade, compreende-se a favela como o “lugar comum” de uma verdadeira “desurbanização” e que o terreno do objeto de estudo se insere num cenário conflituoso e que a interpretação sobre as pré-existências apontam para premissas quanto à relação entre o edifício e a paisagem, os espaços públicos e os lugares de encontro e interlocução enquanto uma forma de produção social do espaço; as alternativas direcionam à ressignificação do vazio como a possibilidade mais diversas atividades cotidianas como também a possibilidade da produção social do espaço. E em materialidade compreende-se a composição de espacialidades associada a uma proposta de ordem estética para a valorização das pré-existências da favela através da forma e da técnica da construção; isto se reflete na constituição do espaço em suas relações paisagem/edifício e público/privado como também em questões compositivas e estruturais da forma arquitetônica e paisagística enquanto materialização dos valores estéticos identitários, incorporando o *espaço-movimento* enquanto componente projetual – pensando as formação e as transformações do edifício e da paisagem, no tempo e pelo sujeito social enquanto participante da construção.

Com a conclusão do curso e a revisão de sua metodologia, percebe-se a importância de persistir com as reflexões e práticas sobre o ensino através do projeto de arquitetura e urbanismo como um campo potencial para experimentações e alternativas para a construção social da cidade. Esta experiência traz a possibilidade de aplicação, através dos estudos, de um caso real e pertinente para a criação de



espaços de esperança para a justiça sócio espacial. E como uma motivação para os docentes e os estudantes que se engajam sobre papel social da Arquitetura e do Urbanismo.

6 REFERÊNCIAS

ARANTES, Pedro Fiori. O Lugar da Arquitectura num “Planeta de Favelas”. In: Opúsculo: Pequenas Construções Literárias sobre Arquitectura, Porto, ano 2008, n. 11, Dafne Editora, mar. 2008.

CORRÊA, Roberto Lobato. O Espaço Urbano. São Paulo: Editora Ática, 1993.

GOTTDIENER, Mark. A Produção Social do Espaço Urbano. São Paulo: Edusp, 2010.

JACQUES, Paola Berenstei. Estética das favelas. In:Arquitextos, São Paulo, ano 02, n. 013.08, Vitruvius, jun. 2001. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.013/883>>. Acesso em: 27 mai. 2019.

KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce; OMA; S, M, L, XL. NY: The Monacelli Press, 1995.

MARICATO, Ermínia. Metrópole na Periferia do Capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência. São Paulo: Editora HUCITEC, 1996.

SANTOS, Milton. A Urbanização Brasileira. São Paulo: Edusp, 2009.

SOARES, Bernardo. Produção social na urbanização de favelas: Trabalho e renda no Morar Carioca Barreira do Vasco, Rio de Janeiro. In: III SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE URBANIZAÇÃO DE FAVELAS, 2, 2018, Salvador. Anais eletrônicos... Salvador, UCSal – Universidade Católica do Salvador. Programa de Pós Graduação. 2018. Disponível em: <<https://www.urbfavelas2018ucsal.com.br>>. Acesso em: 27 mai. 2019.